

A QUESTÃO DA INDUSTRIALIZAÇÃO NO RIO DE JANEIRO: ALGUMAS REFLEXÕES*

Márcio de Oliveira**

INDÚSTRIA: UM TEMA DA MODA FORA DA MODA

Nos últimos dez anos, do histórico Encontro de Fortaleza (1978) para cá, travamos longas e, por vezes, exaustivas discussões na Geografia sobre os movimentos sociais urbanos, a epistemologia da Geografia, o papel do Estado na organização do espaço, a acumulação do capital e a produção do espaço, a gestão do território e tantos outros. No entanto, foram raros os momentos que tivemos oportunidade de debater e aprofundar temas tradicionais da "velha geografia", como por exemplo a Geografia dos Transportes, a Geografia das Indústrias, a Geografia Agrária etc., no sentido de caminharmos para a superação crítica (teórico-metodológica) desses temas e não nos reduzirmos a simples retórica do novo, de que tudo faz parte do movimento de reprodução ampliada do capital.¹

Tal fato preocupava bastante, particularmente no que diz respeito à chamada Geografia das Indústrias. Analisávamos muito a questão urbana, o urbano como *locus* do poder, o urbano como arena privilegiada da luta de classes, o urbano como lugar de reprodução das relações de produção e reprodução, o urbano como motor das transformações sociais etc., mas em momento algum o urbano era analisado à luz do fenômeno industrial, como pressuposto e corolário deste fenômeno.

Algumas perguntas sempre vinham à cabeça. Será que a indústria não é mais importante neste urbano de hoje, neste urbano de uma economia mundializada e de um capitalismo global, neste urbano pós-industrial e informatizado? Será que as cidades vieram para ficar e as indústrias e sua

*Ensaio desenvolvido com base no Projeto de Dissertação apresentado ao Mestrado em Geografia da UFRJ, em 30 de janeiro de 1988.

**Professor do Departamento de Geografia da Universidade Federal Fluminense - UFF/RJ.

¹Sobre a crítica das teorias e modelos de localização industrial ver: MASSEY, D. Towards a Criticai of Industrial Location. *Antipode*, 5 (3), 1973; e CASTELLS, M. cap. 1 "La Transformación de las relaciones entre Ciudad e Industria y las Teorias Clássicas de la Localización". In *Sociologia del Espacio Industrial*, Editorial Ayuso, Madrid, 1977.

Geografia, com toda a solidez que lhe advém, já se desmancharam no ar? Em contrapartida, será que a luta de classes não é mais o motor da história e o proletariado já deu o mesmo adeus à revolução?

Todas essas interrogações pairavam no ar e parecia que a Geografia não estava nem *um* pouco interessada em respondê-las.

Por sua vez, a produção acadêmica da Geografia brasileira sobre a temática das indústrias pouco avançou também em relação aos trabalhos produzidos, nos fins dos anos 60 e início dos anos 70, com base nas teorias clássicas e modelos de localização industrial, apesar de sua superação crítica já ter sido delineada por MASSEY (1973) e CASTELLS (1977).

Enfim, definitivamente a indústria que fora um tema da moda na "Velha Geografia" parecia estar fora de moda na "Geografia Nova".

Foi exatamente por esta razão que o interesse sobre a temática da indústria e sua articulação com a questão urbana brotou. Era preciso verificar em que medida havia um rebatimento entre a produção acadêmica da Geografia, no tocante à questão urbana, e a realidade social concreta. Pois, pelo que vinha apontando o rumo dessa produção, ou a indústria teria no urbano de hoje um papel bastante secundário, a ponto de não gerar interesse de estudos acadêmicos, ou tratava-se de um novo modismo da Geografia privilegiando outros temas, em detrimento do atual papel desempenhado pela indústria efetivamente neste urbano; tudo indica que não só a Geografia, mas também outras ciências sociais sofrem deste mal.

Outrossim, se o significado da indústria no urbano já não é o mesmo da *belle époque*, onde o urbano explode em modernidade e progresso técnico e a indústria é o baluarte desta modernidade e progresso, ele é no mínimo a negação da negação de si próprio.

Desse modo, trata-se de investigar o significado do fenômeno industrial no processo de desenvolvimento urbano, no sentido de apreender em que medida a indústria tem produzido este urbano e condicionado as suas relações sociais até os dias atuais.

"ESVAZIAMENTO INDUSTRIAL" OU PARTICULARIDADES DE UM PROCESSO

De tempo em tempo, tem vindo à tona na sociedade, através da imprensa, um debate sobre o "esvaziamento industrial" do Rio de Janeiro com ecos no meio acadêmico, para desaparecer, logo em seguida, tão subitamente quanto aflorou. A pulsação deste debate tem mantido uma frequência regular, coincidindo quase sempre com os momentos pré-eleitorais.

As análises efetuadas geralmente sobre a questão tomam o chamado "esvaziamento industrial" do Rio de Janeiro como um dado inconteste da realidade e, a partir daí, tecem comparações baseadas em cifras estatísticas tentando demonstrar a perda de importância do Rio de Janeiro em relação a outros centros econômicos do país. A liderança do Rio de Janeiro, como o segundo maior centro industrial do país, aparece ora ameaçada por Minas Gerais, ora pelo Rio Grande do Sul², mas em momento algum é posto em questão o caráter de constatação inequívoca dado a este esvaziamento.

Tais análises acabam por não revelar nada de novo sobre o fenômeno industrial no Rio de Janeiro. O "esvaziamento industrial" é explicado a partir do desempenho de outros centros e não a partir das próprias particularidades do processo de desenvolvimento industrial do Rio de Janeiro. As conclusões tiradas são, por um lado, de um completo pessimismo, atribuindo ao Rio de Janeiro uma economia estagnada e decadente. Por outro lado apontam para este centro uma necessidade de retomada do crescimento industrial, a partir sobretudo de investimentos federais.

Observamos, portanto, uma certa dificuldade na delimitação da extensão do problema, assim como uma ineficácia no sentido de fornecer respostas mais contundentes, explicativas do fenômeno. Que este assunto venha sempre à baila às vésperas de eleições é compreensível. Contudo, o que não pode acontecer é que caiamos nesta armadilha de "falsas polêmicas" fomentadas para atender determinados propósitos políticos, sob pena de continuarmos a fazer análises meramente conjunturais de questões de fundo estrutural.

Desde que o Rio de Janeiro perdeu para São Paulo, na década de 1920, a liderança de primeiro centro industrial do país³, que esta questão do "esvaziamento" reaparece sistematicamente. Entretanto, como pensar num

²Sobre o debate acerca do esvaziamento econômico e industrial do Rio de Janeiro ver o artigo "Rio Luta para não Perder mais Espaço na Economia", publicado no *Jornal do Brasil*, 1º caderno, no dia 03.6.1984, p. 36.

³SILVA, S. *Expansão cafeeira e origens da indústria no Brasil*. Alfa-Omega, 6ª edição, São Paulo, 1985, pp. 19-80.

"esvaziamento", tão longo assim, sem alterar, de lá para cá, a posição do Rio de Janeiro como segundo centro industrial do país? Se este "esvaziamento" fosse tão ameaçador e progressivo como bradado nas discussões, o Rio de Janeiro já teria sucumbido como centro industrial, por sua vez, por que esta cobiçada posição de segundo maior centro industrial do país, mantida há quase setenta anos, não salta aos olhos com pujança na paisagem da cidade?

Se "o mito é o nada que é tudo", como afirma Fernando Pessoa em sua poesia, podemos dizer que o Rio de Janeiro é o próprio mito de cidade industrial, pois consegue ser um grande centro industrial, sem contudo aparecer nas imagens construídas da cidade enquanto tal. Antes de se imaginar o Rio de Janeiro como uma cidade industrial, têm-se dele as mais variadas imagens de cidade⁴.

Procurando avançar um pouco mais nesta questão, poderíamos pensar, então, que a atividade industrial ao se especializar no Rio de Janeiro, não foi capaz de estabelecer o significado urbano desta cidade, ao contrário do que teria ocorrido com São Paulo. Em São Paulo, a indústria, ao se especializar e produzir o urbano, imprimiu na sua paisagem, de forma transparente, a imagem de cidade industrial, enquanto no Rio de Janeiro a indústria não teria conseguido moldar o urbano à sua feição, e sim, teve que moldar-se a ele, ou seja, inserir-se num espaço: temporalidade distinta que já possuía determinantes e significados próprios que identificavam a cidade. É bom lembrar que, quando ocorre o primeiro surto industrial no Brasil, na década de 1880 a 1890⁵, o Rio de Janeiro já era a primeira cidade do país, com quase meio milhão de habitantes, ao passo que São Paulo "não passava na verdade de um burgo, de relativa insignificância, no conjunto da rede urbana brasileira", que só ganharia importância com "a expansão capitalista sendo comandada pela indústria"⁶.

Neste sentido, temos que pensar o Rio de Janeiro não como centro industrial "esvaziado" e decadente, mas como um espaço onde o significado do fenômeno industrial é distinto desde a sua origem. Portanto, em toda a sua complexidade, é necessário entendermos, por um lado, como a indústria

⁴Atualmente vem sendo desenvolvido pela Prof^a Ana Clara Torres Ribeiro (IPUR/UFRJ), um projeto de pesquisa que tem como tema "As imagens do Rio de Janeiro". O andamento desta pesquisa foi apresentado pela autora em recente comunicação, feita num Seminário sobre *A Cidade do Rio de Janeiro*, promovido pelo IUPERJ, no dia 22 de maio de 1987.

⁵SILVA, S. op. cit., p. 77.

⁶Sobre o papel da cidade de São Paulo, no fim do século XIX, ver OLIVEIRA, F. "O Estado e o Urbano no Brasil". In *Espaço & Debates*. Revista de Estudos Regionais e Urbanos, ano II, n^o 6, São Paulo, 1982, p. 41.

impulsiona e/ou determina a evolução urbana e, por outro, como este urbano possibilita a concretização do fenômeno industrial.

A CIDADE E O LUGAR DA INDÚSTRIA NA CIDADE

Para darmos conta do real significado do fenômeno industrial no Rio de Janeiro é necessário resgatarmos o processo de industrialização nas suas origens. No nosso entender, as particularidades do fenômeno industrial no Rio de Janeiro têm uma estreita relação com a forma singular de como a indústria, ao se estabelecer na cidade, se insere na sua estrutura urbana. Portanto, é mister sabermos a qual indústria nos estamos referindo, o que era a cidade do Rio de Janeiro no exato momento em que a indústria se implanta nela e de que maneira isto acontece.

Segundo Francisco IGLÉSIAS, o primeiro surto industrial do país, embora tímido e logo tolhido, teria ocorrido ainda no início do século XIX, a partir de 1808 com a chegada da corte ao Brasil⁷. Entretanto, considerando a indústria no seu sentido moderno, tal como foi estudada por MARX⁸, ou seja, o sistema fabril, concordaremos com aqueles autores que afirmam que o primeiro surto industrial só ocorre na década de 1880 a 1890⁹.

Até essa década, o número de fábricas existentes no Brasil era irrisório, havendo um grande predomínio do artesanato e da manufatura. Em 1850, "o país contava com apenas 50 estabelecimentos industriais, incluindo-se aí várias salineiras. Há referências a 10 fábricas de produtos alimentares, 2 de caixas e caixões, 5 de pequena metalurgia e 7 de produtos químicos"¹⁰. Contudo, é o setor têxtil, a exemplo do que aconteceu na Europa, aquele que vai ter uma presença pioneira e ocupar uma posição de destaque nos primeiros momentos do processo de crescimento industrial¹¹. De 2 fábricas têxteis em 1850, esse número cresceu para 9 em 1866; e em 1882 já eram 45 as fábricas de tecidos em todo o Brasil, sendo que 12 estavam situadas na Bahia, 11 no Rio de Janeiro, 9 em São Paulo e 8 na província de Minas Gerais¹².

⁷IGLÉSIAS, F. *A Industrialização Brasileira*. Coleção Tudo é História. Brasiliense, São Paulo, 1986, p. 8, 2ª edição.

⁸A propósito desta discussão, ver MARX, Karl. *O Capital* (Crítica da Economia Política), livro 1, vol. 1, caps. XII e XIII. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1980, 5ª edição.

⁹SILVA, S. op. cit., p. 77.

¹⁰FOOT, F. e LEONARDI, V. *História da Indústria e do Trabalho no Brasil (Das Origens aos Anos Vinte)*. Global Editora, São Paulo, 1982, p. 36.

¹¹Idem, p. 36.

¹²Idem, Ibidem. p. 34.

Até o final da década de 1880 o Rio de Janeiro já possuía a maior concentração operária e fabril do país. A instalação de fábricas, em especial no antigo município neutro, a partir de meados do século XIX, deveu-se, segundo FAUSTO, a um conjunto de fatores, dentre os quais: a acumulação de capitais provenientes da empresa agrícola ou dos negócios do comércio exterior; a facilidade de financiamento dos grandes bancos, cuja sede estava localizada na capital do país; um mercado de consumo de proporções razoáveis, abrangendo não só a cidade como a região tributária, servida pela rede de ferrovias; uma grande concentração de operários de baixa qualificação; e, ainda, o papel da energia a vapor, substituindo a água como força motriz¹³.

Em suma, o Rio de Janeiro reunia no final do século XIX, melhor do que qualquer outro centro econômico do país, aquelas condições fundamentais, salientadas por Marx, para a eclosão da Revolução Industrial, isto é, a acumulação primitiva de capital e a existência de uma classe de trabalhadores sem propriedades¹⁴. A acumulação primitiva de capital "processou-se no setor agrícola exportador do café", com papel destacado para os comerciantes ligados às casas comissárias. Ao passo que o trabalho livre foi impulsionado pela abolição da escravatura que "liberou mão-de-obra do campo para a cidade, formando-se um mercado de trabalho com superabundância de oferta, na medida em que o afluxo de imigrantes veio reforçar o contingente dos libertos e a melhoria das condições de higiene, reduzir a mortalidade"¹⁵.

O exposto acima demonstra que a economia cafeeira e a industrialização, ao contrário de constituírem uma contradição, representam formas particulares do desenvolvimento do capitalismo no Brasil. Desse modo, "nem a subordinação do Brasil na economia mundial e o capital cafeeiro excluem a industrialização, nem a industrialização implica na destruição dos laços que unem o Brasil à economia mundial e, muito menos ainda, na destruição do capitalismo no Brasil. Por isso, o capital industrial não se opõe diretamente às formas de acumulação dominante, mas procura sempre desenvolvê-las em seu próprio proveito"¹⁶.

¹³FAUSTO, B. *Trabalho Urbano e Conflito Social (1890-1920)*. Difel, Rio de Janeiro - São Paulo, 1977, pp. 14-15.

¹⁴Sobre a tese de acumulação primitiva de capital que teria possibilitado uma Revolução Industrial no Rio de Janeiro no final do século XIX, ver LOBO, E. M. L. "Condições de vida dos artesãos e do operariado no Rio de Janeiro da década de 1880 a 1920". In *Nova Americana*, Giulio Einaudi Editore, Torino, nº 4, 1981, pp. 229-333.

¹⁵Idem, pp. 300-301.

¹⁶SILVA, S. op. cit., pp. 112-113.

O capital industrial brasileiro concentrava-se sobretudo nos setores de bens de consumo (têxtil, calçados, produtos alimentares, bebidas, etc.). "Em 1907, todas as empresas com 1.000 contos de capital estavam no setor de bens de consumo, em particular nos setores de fiação e tecelagem"¹⁷.

Como já mencionamos anteriormente, o setor têxtil foi aquele que mais prosperou a partir da segunda metade do século XIX, não sendo abalado nem mesmo pela crise do encilhamento, no primeiro governo republicano¹⁸. É deste setor de ponta que emergiu no Brasil a indústria moderna, com uma forte concentração de capitais, acentuada divisão social de trabalho, a nível da produção, e empregando técnicas avançadas que garantiam uma rentabilidade elevada.

Para SILVA, a importação de equipamentos modernos, em especial da Grã-Bretanha, permitiram ao capital industrial brasileiro "saltar etapas" e passar diretamente à grande indústria, sem prender-se às formas anteriores de desenvolvimento da indústria, quer seja o artesanato ou a manufatura¹⁹. Desse modo, se a acumulação de capital que dá origem à indústria moderna no Brasil ocorre internamente, o mesmo não pode se atestar em relação ao desenvolvimento das forças produtivas e da divisão social do trabalho. Portanto, a grande indústria que surge no Brasil no final do século XIX, sobretudo a indústria têxtil, não é fruto do desenvolvimento das forças produtivas e da divisão social do trabalho transcorrido no seio da sociedade brasileira e sim daquele desenvolvimento operado nas nações que foram pioneiras na Revolução Industrial. Assim, podemos afirmar que o nascimento da indústria moderna no Brasil provoca o aborto de determinadas relações sociais, ainda não maduras numa sociedade em transição, passando a exigir uma nova ordem e disciplina econômico-social, bem como um novo arranjo espacial, em particular do espaço urbano.

A industrialização no Rio de Janeiro, no final do século XIX, vai impor um padrão de acumulação que não cabia na antiga ordem urbana. O Rio de Janeiro era até então, uma cidade mercantil que tinha como herança uma estrutura colonial de uma sociedade escravocrata, recém liberta.

Como cidade mercantil o Rio de Janeiro apresentava as seguintes características gerais: pouca especialização geográfica ou espacial das atividades econômicas; ausência de estratificação social do espaço, ou seja, as classes encontravam-se relativamente misturadas; reduzida classe assalariada, predominando ofícios e profissões liberais; e grande dependência relativa entre si, ressaltando o seu traço bastante cosmopolita.

¹⁷Idem, pp. 113-114.

¹⁸LOBO, E. M. L., op. cit., p. 302.

¹⁹SILVA, S. op. cit., p. 115.

Se o Rio de Janeiro tinha nas características descritas acima a base do perfil urbano da cidade, suas estruturas já estavam rachando desde meados do século XIX. Portanto, não podemos entender mecanicamente a transição da cidade, visto que ela é o resultado de um conjunto de contradições que se desenrola na sociedade da época.

É bom lembrar que esta mudança de uma ordem urbana para outra, isto é, de uma cidade mercantil para uma cidade capitalista industrial, só é possível quando o capitalismo já é dominante em escala mundial, submetendo, através da divisão internacional do trabalho, a reprodução do capital em escala nacional à reprodução internacional do capital.

Assim sendo, ao mesmo tempo em que o Rio de Janeiro, enquanto cidade mercantil, apresentava-se, ainda, com pouca diferenciação geográfica, concentrando suas atividades e população basicamente no núcleo central, já estavam presentes na sociedade as condições gerais de mudança e, portanto, em curso o processo de gestação de uma cidade segregada socialmente no espaço.

Na leitura de jornais do início do século²⁰, observamos que as notícias mais comuns sobre a cidade, como não poderiam deixar de ser, são relativas ao centro, onde o que havia de mais importante na economia, na política e na sociedade estava acontecendo. É o centro o lugar do porto, das casas de exportação e importação, do Congresso Nacional e Conselho Municipal, e também é onde se encontram estabelecimentos industriais, o principal comércio e área de moradia da cidade.

Embora houvesse muitos estabelecimentos industriais no centro, a maioria estava ligada aos setores artesanal e manufatureiro (couro, chapéus, velas, etc). O centro não era efetivamente, o lugar da indústria têxtil, que, como vimos assume o papel de ponta da grande indústria da virada do século.

Das fábricas de tecidos de algodão estabelecidas no antigo Distrito Federal antes de 1905²¹, somente a Fábrica de Tecidos Rink estava localizada no centro. As demais situavam-se, basicamente, em São Cristóvão e ao fundo dos vales na antiga periferia da cidade - Gávea, Jardim Botânico, Laranjeiras, Tijuca, Andaraí e Vila Isabel.

Essas indústrias, em função de uma produção fabril mecanizada, que não exigia no processo de trabalho muita qualificação, eram altamente concentradoras de mão-de-obra. Em 1908, as indústrias têxteis do Distrito

²⁰OLIVEIRA, M. *O Rio de Janeiro visto através da leitura de Jornais (Jornal do Comércio - 1901)*. s/ed. Rio de Janeiro, 1987, p. 2 (mimeo).

²¹Ver, "Fábricas de tecidos de algodão estabelecidas no Brasil antes de 1905". In SUZIGAN, W. *Indústria Brasileira. Origem e Desenvolvimento*. Brasiliense. São Paulo, 1986, pp. 384-390.

Federal empregavam, em média, 548 operários por estabelecimento³². Tal fato somado ao irregular sistema de transportes e à crise de habitação no centro da cidade contribuiu, decisivamente, para que uma massa numerosa do proletariado nascente fosse morar com suas famílias junto às fábricas, muitas vezes em vilas operárias, tornando assim as áreas aludidas acima, na antiga periferia da cidade, de forte concentração operário-fábril.

Embora estivesse submetida às mesmas determinações histórico-concretas das indústrias têxteis que se instalaram no antigo Distrito Federal nos fins do século XIX, a Companhia Progresso Industrial do Brasil (Fábrica Bangu) vai fugir sensivelmente ao padrão de localização por nós aqui delineado. Assim como a maioria esmagadora das indústrias têxteis da época, a Companhia Progresso Industrial do Brasil não encontrará lugar no centro do Rio de Janeiro, mas também não irá se situar no entorno da cidade como as demais, e sim na distante comunidade de Bangú, às margens da Estrada de Ferro Central do Brasil, em área ainda inteiramente rural.

Nesses termos, as diferentes estratégias adotadas pelas indústrias têxteis passam necessariamente pela lógica da localização dessas empresas no tecido urbano do Rio de Janeiro.

Finalizando por ora, poderíamos acrescentar que, muito mais do que pela sua presença na fisionomia do Rio de Janeiro, a indústria moderna revolucionou a cidade no seu processo de trabalho pelas relações de produção capitalistas, impondo a ela novos hábitos e costumes. Portanto, estudar o fenômeno industrial no Rio de Janeiro é sobretudo, estudar ao mesmo tempo a transformação da sociedade através da cidade. Tomar a cidade como ponto de partida, e não a indústria, como comumente tem sido feito, nos parece ser um novo caminho a ser trilhado na compreensão das particularidades do processo de industrialização no Rio de Janeiro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CASTELLS, M. *Sociologia del Espado Industrial*. Editorial Ayuso. Madrid. 1977.
- FAUSTO, B. *Trabalho Urbano e Conflito Social (1840-1920)*. Difel. Rio de Janeiro/São Paulo, 1977.
- FOOT, F. e LEONARDI, V. *História de Indústria e do Trabalho no Brasil (Das Origens aos Anos Vinte)*. Global Editora. São Paulo, 1982.

³²Dado obtido a partir das informações sobre as indústrias de fiação e tecidos que participaram da "Exposição Nacional de 1908". In Prefeitura do Distrito Federal. *Notícia sobre o desenvolvimento da indústria fabril no Distrito Federal e sua situação actual*. Milano Tipografia Fratelli Treves, 1908, pp. 64-65.

- IGLÉSIAS, F. *A Industrialização Brasileira. Brasiliense. São Paulo, 1986 - 2ª edição.*
- JORNAL DO BRASIL - Rio Luta Para Não Perder mais Espaço na Economia. *Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 03.06.1984, p. 36.*
- LOBO, E. M. L. Condições de vida dos artesãos e do operariado no Rio de Janeiro da década de 1880 a 1920. *Nova Americana -Giulio Einaudi Editore, n° 4, 1981.*
- MARX, K. *O Capital Crítico da Economia Política - Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 1980 - 5ª edição.*
- MASSEY, D. Towards a critical of Industrial Location. *Antípode, 5 (3), 1973.*
- OLIVEIRA, F. O Estado e o Urbano no Brasil. *Espaço & Debates. 2 (6). São Paulo, 1982.*
- OLIVEIRA, M. *O Rio de Janeiro visto através da leitura de jornais (Jornal do Comércio - 1901). Rio de Janeiro, 1987 (mimeo).*
- Prefeitura do Distrito Federal. *Notícia sobre o desenvolvimento da indústria fabril no Distrito Federal e sua situação actual. Milano Tipografia Fratelli Treves. Rio de Janeiro, 1908.*
- RIBEIRO, A. C. T. As imagens do Rio de Janeiro. Seminário *A Cidade do Rio de Janeiro. IUPERJ - Rio de Janeiro. 1987.*
- SILVA, S. *Expansão cafeeira e origens de indústria no Brasil. Alfa-ômega. São Paulo, 1985 - 6ª edição.*
- SUZIGAN, W. *Indústria Brasileira - Origem e Desenvolvimento. Brasiliense. São Paulo, 1986.*

RESUMO

O presente ensaio trata do fenômeno industrial na sua relação com o espaço urbano, buscando compreender as particularidades do processo de industrialização no Rio de Janeiro. O setor industrial escolhido para levar a cabo a análise é o têxtil, por ser aquele que elucida de forma típica a grande produção fabril mecanizada da indústria brasileira nas suas origens. Pretendemos, assim, através de uma análise crítica do fenômeno industrial no Rio de Janeiro, contribuir para apreendermos em que medida a indústria têxtil moderna, ao produzir a sua própria espacialidade, se insere na transição de uma cidade de estrutura colonial mercantil para uma cidade capitalista industrial.

ABSTRACT

This essay deals with industry and its relationship with urban space and tries to understand the particularities of the industrialization process which occurred in Rio de Janeiro. For this purpose, we have chosen the textile industry because it is undoubtedly the one which best represents the modern Brazilian industry in its origin. We therefore intend to examine the industrial phenomenon in Rio in order to determine the importance of modern textile industry in the changing from a colonial, mercantile city into a capitalistic city.

Palavras-chave: industrialização — espaço urbano — localização fabril
Key-words: industrialization — urban space — industry location